

O acordo da dívida não agrada bancos ingleses

JOSÉ CARLOS SANTANA
Nosso correspondente

LONDRES — Os diretores do Barclays Bank e do Natwest continuam recusando-se a comentar as notícias de que teriam rejeitado o acordo provisório entre o Brasil e os seus credores, mas há informações de que outros bancos britânicos envolvidos no pacote estariam fazendo pressões e procurando convencê-los de que no momento, não há melhor solução para o problema criado pela moratória declarada, unilateralmente, pelo governo brasileiro.

"A atitude deles é compreensível, e os argumentos que oferecem totalmente corretos, do ponto de vista da política bancária. Mas a questão precisa ser decidida, e quanto mais cedo melhor para todo mundo", disse ao **Estado** um banqueiro que não participa das negociações, mas já trabalhou no Brasil e acompanha a situação de perto.

O jornal **Independent** informou em sua edição de ontem que a atitude do Barclays e do National Westminster foi discutida numa reunião realizada segunda-feira, e que é bem provável que as autoridades norte-americanas também se envolvam na campanha destinada a persuadir os

dois bancos a participarem do novo empréstimo — de três bilhões de dólares — ao Brasil.

Segundo o que foi noticiado anteriormente, as duas instituições discordam não apenas da decisão do comitê de aceitar a concessão do empréstimo, sem um entendimento formal entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional, mas também da pressão exercida pelos Estados Unidos para que o acordo fosse alcançado rapidamente.

O Banco da Inglaterra — banco central britânico — teria manifestado, particularmente, o seu apoio ao acordo negociado em Nova York, mas não pretende envolver-se oficialmente na questão. Um porta-voz do banco disse ontem que não tinha qualquer comentário a fazer sobre o assunto.

O Ministério do Tesouro também não comenta o problema. Contudo, o banqueiro que conversou com o **Estado** de maneira reservada, lembrou que "o ministro Nigel Lawson deixou claro para o governo brasileiro, quando seus representantes passaram por aqui, que a Grã-Bretanha mantém a sua opinião de que, antes de qualquer outra coisa, é preciso que o Brasil acerte as contas com o Fundo Monetário Internacional".